

A FUNDAÇÃO DE CIDADES E O IMAGINÁRIO URBANO: RELEITURA DE TITO LÍVIO

Ulpiano T. Bezerra de Meneses
Universidade de São Paulo

Résumé

L'étude de l'imaginaire urbain peut être une bonne stratégie pour éviter à la fois la reproduction de l'idéologie antique (qui ne pense la société urbaine qu'au niveau politique) et les risques d'anachronismes. L'auteur a donc soumis à un test la narration de la fondation de Rome par Tite Live (**Ab urbe condita**, I, 1-17). L'examen de la ville en tant que forme de gestion de l'espace et de quelques uns parmi ses attributs spatiaux (concentration/dispersion, stabilité/mobilité, polarisations, dynamisme, repères, etc.) a permis de dégager plusieurs traits importants pour une étude ultérieure de l'image de la ville à l'époque d'Auguste (à partir de Tite-Live).

1. Introdução: o imaginário urbano como problema histórico.

O estudo corrente da "cidade antiga" apresenta duas vertentes bastante definidas. De um lado, domina o tema da *polis*, enquanto fato basicamente político, por vezes associado a outras determinações, como as de natureza religiosa. De outro lado, tem-se uma tipologia descritiva de componentes físicos da cidade, enquanto fato urbanístico, com os respectivos atributos evolutivos.

A primeira vertente adota como ótica a percepção explícita da própria Antigüidade sobre o fenômeno e coincide com a tradição historiográfica, centrada principalmente no estudo da *polis* ateniense, e que, de J. J. Rousseau a Fustel de Coulanges ou Burckhardt, faz eco em Fowler (1916) e Glotz (1928) ou Finley (especialmente 1983) e de Polignac (1984) —para citar apenas referências exemplares— consolidando esta imagem como "tipo ideal", capaz de tudo explicar. A insuficiência desta postura vem sendo apontada nos últimos anos, especialmente no bojo de discussões sobre a noção de "economia antiga", como se pode ver no balaço crítico redigido por Ciro F. Cardoso (1988). O próprio conceito da "cidade antiga"; aliás, tem sido questionado, do que dão testemunho várias comunicações e debates no Colóquio de Aix-en-Provence dedicado à origem das riquezas despendidas na cidade antiga (Leveau 1985). Fica claro que a própria noção de cidade, em lugar de categoria a-histórica e universal, tem que ser formulada historicamente, em cada contexto: é o que já se observa em discussões como as travadas em torno do nascimento de uma sociedade urbana em Roma e no Lácio (Guidi 1982, Ampolo 1983).

Por sua vez, o estudo tradicional da cidade enquanto "artefato" (de que um livro como o de R. Martin 1963, para a Grécia, ou os de Lugli, Mansuelli, Castagnoli¹, para Roma, ainda indispensáveis, servem de paradigma) já aparece como insuficiente pelo predomínio de uma visão positivista que sobretudo combina, parataticamente, informações textuais e dados arqueológicos. No entanto, mesmo aqueles que reconhecem estas limitações, como é o caso de E. Greco e M. Torelli (1983), para a Grécia, encontram-se ainda desarmados para voos de maior eficácia. Falta rever com olhos novos um vastíssimo e complexo acervo documental.

Impõe-se, portanto, tomar como eixo a consideração da cidade enquanto fenômeno complexo, com dimensões políticas, econômicas, religiosas, físicas, demográficas, técnicas, ecológicas, estéticas, simbólicas, etc. etc., cuja especificidade e articulação não podem ser formuladas nem anacronicamente (pela aplicação, à Antigüidade, de categorias discretas legítimas para a cidade moderna e contemporânea), nem meramente coincidindo com a ideologia que os antigos verbalmente explicitaram².

1 - Uma bibliografia exaustiva e comentada encontra-se em Chevallier 1974.

2 - Para se avallar o peso que a ideologia antiga, exerce na leitura até mesmo de historiadores de elevado nível, basta apontar a posição de Ampolo (1980), para quem, por exemplo, a pavimentação do *forum*, datada de 650 a.C. (refeita em 625 a.C.) seria menos importante para a "formação da cidade" do que a pavimentação da área do *comitium*, pois esta tem função político-judiciária, ao passo que, no *forum*, "queste funzioni sono meno 'pure', precedute o accompagnate dalla destinazione a piazza del mercato" (ib.: 570). É imaginar que a vida social parte dos parâmetros analíticos do historiador ... Ou, então, que a matéria-prima do imaginário já constitui conhecimento, e não apenas dados brutos que precisam ser trabalhados e situados.

Dentro desse quadro de preocupações é que se considerou conveniente desenvolver um projeto —recém-iniciado— de estudo do **imaginário urbano** na Antiguidade clássica, começando por Roma. Certamente não se ignora o quanto temas como o imaginário (e seus parentes próximos, mentalidades, quotidiano e similares) se têm transformado em vala comum da História, pelas promessas de renovação instantânea que parecem oferecer e pela enganadora facilidade de tratamento. Todavia, não é possível jogar fora a criança com a água do banho. Muito pelo contrário, um estudo como o imaginário da cidade é estratégico para desvendar aspectos da realidade social que, de outra forma, restariam à sombra³. Parece útil, assim, aproveitar as experiências dos antropólogos e sociólogos urbanos (naturalmente em contextos e com recursos bastante diferentes dos nossos), quando procuram recuperar e interpretar as “representações da cidade”⁴. Isto pressupõe tomar como objeto de indagação a prática da cidade (a prática do espaço). Trata-se, é óbvio, de trabalhar com produções simbólicas, mas com a premissa de que as imagens da cidade, as representações urbanas, não constituem mera expressão cognitiva ou psicológica, ou fato espiritual, mas um dos componentes da **prática social global** —o que obriga, num certo momento, a localizar tal fenómeno na estrutura social.

Só recentemente é que tal problemática começou a interessar os historiadores, ainda que timidamente e com certa dependência dos estudos de História da Literatura, como se infere dos trabalhos, p. ex., de Bender (1975) ou Lees (1985).

A própria História Antiga já tem sido objeto de algumas tentativas de tratamento aproximado deste, como exemplificam as obras de Mazzolani (1967), que procura considerar a cidade como “a design for a society”, ou Rykwert (1976), preocupado com os aspectos míticos e rituais, ou comunicações em simpósios como o de Cartigny (1984), Lyon (1983), ou a promessa, não cumprida, de Stambaugh (1988), de estudar a percepção da paisagem urbana, e assim por diante. Nenhum destes trabalhos, contudo, desenvolveu sistematicamente e satisfatoriamente a perspectiva sugerida. Além disso, é justo mencionar alguns trabalhos interessados nas representações de espaço e que podem trazer contribuição direta para nosso campo: M. Griffe (1981), Mansuelli (1974).

2. A fundação de Roma e o imaginário urbano.

Os estudos de urbanização e urbanismo na sociedade romana antiga oferecem riquíssimo acervo de informação textual e arqueológica (cf. Chevallier 1974). Este trabalho constitui uma tentativa inicial de avaliar o potencial dessa documentação, para encaminhar a problemática proposta. Pareceu pertinente lidar, num primeiro momento, apenas com textos (representações verbais). Títo Lívio —e um caso exemplar, a fundação de Roma— se apresentam como o quadro adequado para tal teste⁵. Por se tra-

3 Apenas para fornecer um parâmetro, numa bibliografia que já começa a avolumar-se, mencione-se Le Goff *et alii* 1986.

4 - A bibliografia é longa e se orienta segundo variadas ramificações. Para uma idéia geral, ver Milgram 1984.

5 - O texto que aqui serve de referência é o de *Ab urbe condita*, Lib.I, 1-17; a edição utilizada é a de Bayet e Baillet (Tite Live, 1961).

tar de teste, são evidentes a marca empírica e a ausência de sínteses ou estruturação mais elaborada do imaginário e de seu alcance coletivo. Daí a própria intitulação deste trabalho como "releitura" de um documento.

Convém ressaltar que não está absolutamente em causa, aqui, o problema das origens de Roma, em si, o que já mereceu farrissima e diversificadíssima bibliografia (cf. Poucet 1985). O confronto que, nos últimos anos, opôs a documentação textual (= "tradição") à documentação material (Arqueológica pré-histórica e proto-histórica do Lácio) desviou a atenção de um fato capital: estes são dois sistemas documentais de natureza radicalmente diversa e, portanto, de objetivos e aproveitamento diverso. Podem fertilizar-se um ao outro, mas é impossível cruzá-los automaticamente. Imaginar-se, como Poucet (1985), que a documentação textual é pouco confiável e que só a Arqueologia desvendará os problemas em suspenso, ou dizer, simploriamente, como Bloch (1965: 44) que "il convient de rechercher, derrière cette mise en forme littéraire d'une ancienne tradition le déroulement exact des faits ..." – é comprometer o que se pode extrair de um e outro sistema de fontes. F. Coarelli (1983: 301) parece-me na direção correta ao sugerir, a propósito do estudo do fórum arcaico, a superação das posições hiper-críticas e hipo-críticas ainda vigentes: hoje é necessário substituir as questões de natureza ético-política (típicas da historiografia filológica) por aquelas de uma história "antropológica"⁶.

Assim, ao invés de tomar o texto de Tito Lívio para esclarecer as origens de Roma, importa, aqui, utilizá-lo para esclarecer sua sociedade, sob Augusto, e seus conceitos (e o imaginário) relativos ao fenômeno urbano, à fundação de cidades e, enfim, à cidade de Roma. Nesse horizonte, não serão por ora retomados os estudos sobre as fontes de Lívio (cf. Ogilvie 1984), nem sobre as convenções literárias e historiográficas da sua época (cf. Poucet 1985: cap. IV, Luce 1977, Walsh 1961).

3. Releitura de Tito Lívio (a fundação de Roma): natureza e atributos do espaço.

ESPAÇO COMO OBJETO DE APROPRIAÇÃO

O espaço não aparece, no texto em questão, nem como categoria da subjetividade, nem como entidade concretamente objetivada, exterior à experiência e que se possa descrever. Não há, aliás, nenhuma tentativa de sua caracterização. Antes, ele é essencialmente objeto de apropriação, superfície de expansão de uma força, cujo pro-

6 – "Oggi, la stessa enunciazione dei problemi relativi alla storia arcaica di Roma in termini di ipercritica (o, subordinatamente, e in modo sostanzialmente subalterno, di ipocritica) può considerarsi definitivamente inattuale; il discorso si è spostato su un terreno nuovo, la cui stessa problematica è sostanzialmente diversa. Le domande che ci poniamo non sono più (o almeno: non sono più soltanto, e neppure principalmente) quelle che la vecchia storiografia filologica si poneva (e in parte continua ancora oggi a porsi): alla storia etico-politica ed 'événementielle' (che pure resta importante, ma per quanto riguarda Roma arcaica difficilmente praticabile) si va sostituendo una storia 'antropologica', interessata a problemi in parte alternativi, in parte paralleli coincidenti: l'economia, la demografia, la ideologia (in particolare, la religione). A questo tipo di domande la documentazione esistente (contrariamente a quanto avveniva per la storia etico-politica) consente di dare risposte attendibili e documentate".

gresso Lívio está preocupado em traçar. Toda a multifome atividade registrada e as aventuras e peripécias dos heróis têm por alvo final ou quadro de referência a apropriação social do espaço, que se pode conceber como transformação da natureza em paisagem, pela imposição, àquela, de forma, função ou sentido (segundo padrões coletivos, é claro).

A rigor, dever-se-ia falar de re-ocupação de espaço, já que, praticamente não há vazios, apenas áreas de fraca densidade populacional ou uso descontínuo: é o caso do próprio local de fundação de Roma (mesmo as "uastae solitudines", IV, 6, correspondem a áreas de pastoreio e atuação de bandos de salteadores de bastante sucesso); Enéias se instala em território laurentino (I, 4); Antenor precisa expulsar os Euganeus (I, 3).

ESTABILIDADE/MOBILIDADE

A estabilidade é, pois, o termo imediato da ocupação do espaço. A estabilidade, contudo, não constitui característica dominante da condição humana. Pelo contrário, a situação de errância é mais frequente e a ela é que se busca remédio: com seus acompanhantes, Antenor ("sedes et ducem ... quaerebant", I,2), Enéias ("domo profugum", I,4; "cremata patria domo profugos sedem condendaeque urbi locum quaerere", I,8) muito vagaram; a errância de Rômulo e Remo (IV) é de natureza diversa, mas também conduz à sedentarização.

Traço da contingência humana, o deslocamento e a mobilidade apresentam duas faces: podem conduzir ao assentamento estável e duradouro, como também constituir seu inverso. No primeiro caso, além da errância, há toda a movimentação exigida para a defesa da cidade e a precária articulação dos territórios (com o envio de embaixadas e delegações). Também aqui poder-se-iam incluir as migrações, que engrossam a população urbana e cujas motivações são variadas: laços de parentesco (XI,4), a busca de novidades (VIII,1), a proteção provisória em situações críticas (XIV,5). Mencione-se, também, o envio de colonos (XI,4). Noutro polo, a mobilidade representa padrão de vida apolítico, individual ou de bandos pouco consistentes e definidos, e que se aglutinam em função de atividades como pastoreio e saques (a região sob "controle" de Rômulo e Remo (V), caça na floresta ("ação", com certos traços iniciáticos, que os gêmeos elegem por oposição ao "ócio" junto ao rebanho e aos estábulos, V,8).

HOMOGENIDADE/HETEROGENIDADE

Tal espaço — objeto de apropriação social — não poderia deixar de ser basicamente indefinido, indiferente, desestruturado, submetido que está a um processo unificador. Não é de estranhar, por isso, a ausência de qualquer registro de segmentos, compartimentações, unidades, especificidades: tudo se equivale. Nessa perspectiva, ao contrário do que se costuma atribuir às sociedades simples ou aos espaços míticos, centralizados, "vivenciados", das sociedades tradicionais (Bollnow 1961: 63), aqui o espaço não é finito, nem deve ser concebido como "carência de espaço" (quando espaço e limite são indissociáveis). Aqui, domina a extensibilidade. Consta, é verda-

de, diferenças ou peculiaridades, como as inconveniências, para o assentamento humano, da área de implantação futura de Roma (terras alagadiças, paludosas, águas estagnadas, IV,4), mas são apenas a oportunidade para o fundador agir demiurgicamente, transfigurando os elementos negativos à sua disposição. Ou constituem reforço do sentido de certos lugares (Rômulo e Remo desejam implantar uma cidade no local em que foram encontrados e criados, VI,3). É certo, também, que vez por outra as particularidades são positivas, como é o caso das terras férteis dos Crustuminos (XI,4) — seu peso, contudo, é desprezível.

Ocorre, porém, que o próprio processo de apropriação gera diversidade, já que ele se efetiva num campo de forças. Implicando competição ou exclusão, provoca condensações — as "capitals (cf. II,3). O clímax é a futura "Roma caput orbis terrarum" (XIV,7) e respectivas áreas de influência. Trata-se, em suma, da concepção geopolítica do espaço, que pressupõe tensão constante e a tendência permanente à expansão — apenas eventualmente bloqueada ou reduzida.

Daf o problema crucial das fronteiras e a noção sempre crítica de proximidade e vizinhança, comportando desconfiança, em recusa em receber embaixadas (IX,5), hospitalidade desrespeitada (IX,8), preocupação e "contágio" de temor pela expansão do vizinho (II,3; XV,1), invasão de terras e respectiva punição (V,4), cessão de porções do território (XV,5) ...

Registre-se que a solução de conflitos por meio da "unificação" política ("ciuitatem unam ex duabus faciunt; regum consociant", XIII,4) implica sempre o reconhecimento de um único polo de atração ("imperium omne conferunt Romam", XIII,4).

DINÂMICA

O espaço, neste documento, não é apenas cenário, é ingrediente da ação social. Assim, suas feições não são estáveis. A paisagem é dominada por uma dinâmica que se manifesta de vários modos. Inicialmente, é bom lembrar que há uma motivação explicitamente política, por exemplo, na fundação de cidades (em Roma: "autum malum, regni cupido", VI,4). A nova cidade, porém, tem que responder também a forças internas, como a pressão demográfica (III,3; VI,3) ou a proteção física e econômica de populações sujeitas às pilhagens (na "jurisdição" de Rômulo e Remo). Por outro lado, a própria viabilidade da cidade depende de ela assegurar-se uma população suficiente: há um verdadeiro processo de aliciamento, sem qualquer critério de qualidade, da parte de Rômulo ("Deinde, ne uana urbis magnitudo esset, adiciendae multitudinis causa uetere consilio condentium urbes, qui obscuram atque humilem conciendo ad se multitudinem natam e terra sibi prolem ementiebantur...", VIII, 4). É surpreendente notar, pois, a flexibilidade de visão de Tito Lívio e sua aceitação de processos internos de mudança, embora seu texto se enquadre no parâmetro das narrativas de fundação da cidade, categoricamente diferente, como insiste Cornell (1978: 131) da idéia moderna *Stadtwerdung* (que envolveu longos processos de evolução gradual), e se oriente segundo o modelo histórico das fundações de colônias.

Assim, é preciso matizar afirmações, como a do próprio Cornell (*ib.*: 132), de que

a cidade "was created all at once and out of nothing by a single heroic individual, the founder". Ora, a cidade sequer se apresenta pronta, definitiva, plena, como, aliás, é o padrão nos mitos de fundação de cidades nas sociedades tradicionais (Godelier 1968). Ela apenas às vezes se encontra hiperdimensionada, na previsão de necessidades futuras (VIII, 4) ou, o que é mais relevante, vai-se ampliando progressivamente (deslocamento das muralhas, "crescebat interim urbs", VIII, 4).

REFERENCIAL FÍSICO/MARCOS

Nesta ordem de idéias, é de esperar que as referências a traços físicos sejam secundárias. Elas nunca são exploradas para uma caracterização da paisagem. No entanto, as menções são abundantes, embora sempre pontuais. Todas elas, porém, ou representam certos elementos físicos necessários para situar uma determinada ação excepcional (Aventino, III, 9; VI, 4; Palatino, VI, 4; VII, 3; XII, 3; rios Numicus e Albulus/Tiber, II, 6; III, 5; VII, 3; XII, 3; estúbulos do rei, IV, 6; caverna de Cacus, VII, 5; campo "ad Caprae paludem", XVI, 1; lugares de combate, XII, 10; sopé do monte Albano, III, 3 etc.etc.) ou funcionam como explicação etiológica ou monumento de valor documental (Edlund, 19) 1980: cf. (Lacus Curtius, XIII, 5; Ficus Ruminallis, IV, 5; Lupercal in Palatio, V, 1; Asylum, VIII, 5; templo de Júpiter Feretrio, X, 5; etc.etc.). Nenhuma sistemática de descrição, portanto. Os únicos elementos urbanísticos associados são as muralhas, a posição e o número de casas (IX, 9).

CIDADE/CAMPO

O já exposto demonstra a impossibilidade de tomar tão ampla gama de elementos definidores do espaço —e, portanto, da cidade— num nível redutoramente político. Não que à cidade falte uma essencial dimensão política: momento crucial da fundação de Roma é a convocação da assembléia, em que Rômulo concede igualdade jurídica a um corpo social extraordinariamente diversificado e predominantemente de baixos extratos ("Rebus diuinis rite perpetratis uocataque ad concilium multitudine quae coalescere in populi unius corpus nulla re praeterquam legibus poterat, iura dedit", VIII, 1;). Todavia, tal integração é possível unicamente porque ela se dá num espaço dotado de força gravitacional, que leva à concentração. É a concentração, inclusive, que permite entender fenômenos correlatos, como a divisão do trabalho, a diferenciação social, a complexificação da tecnologia, a ampliação do excedente —que ulteriormente conduzirá a uma economia de mercado—, a hierarquização do território, à multiplicação dos suportes simbólicos, à especialização das estruturas físicas etc. —e não só a identidade jurídico-política. É no assentamento de espaço concentrado que se teria, assim, um dos traços diagnósticos da cidade, neste contexto.

Ao espaço urbano —concentrado— opõe-se, integrado, no mesmo binômio rural, disperso, amorfo, sem claros atributos políticos autônomos: ainda que se possa falar de unidade institucional, aqui os valores políticos —e os espaciais— são bem distintos.

Este sumariíssimo teste com um trecho da obra de Lívio, à primeira vista tão pobre de informação espacial, revela, contudo, um extraordinário potencial a ser explorado e que poderá fornecer a matéria prima inicial para montagem do imaginário urbano da época de Augusto.

No momento, basta apontar como a bibliografia corrente ainda não valorizou aspectos quais os relacionados (p. ex., a natureza espacial do fenômeno urbano e sua dinâmica), indispensáveis, todavia, não só para se entender a ideologia da cidade, na transição da República para o Império, como também a cidade de Roma, ela própria, enquanto modelo do Império.

BIBLIOGRAFIA

- Ampolo, C., Le origini di Roma e la 'cité antique', *MEFRA*, 92 (2): 567-577. 1980
- Ampolo, C., Nascita di una società urba a Roma e nel Lazio, *Opus*, 2: 423-430. 1983
- Bollnow, O.F., *Hombre y espacio*, trad. esp. Barcelona, Labor 1969
- Bloch, R., *Tite-Live et les premiers siècles de Roma*. Paris, Les Belles Lettres. 1965
- Cardoso, C.F.S., Economia e sociedade antigas, *Classica* (neste volume). 1988
- Cartigny, *La ville dans le Proche-Orient ancien. Actes du Colloque de cartigny 1979*. Leuven, Peeters. 1983
- Chevallier, R., Cité et territoire. Solutions romaines aux problèmes de l'organisation de l'espace, in Temporini, H. (org.), *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II (1). Berlin, De Gruyter: 649-758. 1974
- Edlund, I.E.M., Livy and Dionysios of Halikarnassos as Roman Archaeologists, *Rivista di Archeologia*, 4:2 6-30. 1980
- Finley, M.I., *Politics in the ancient world*. Cambridge, University Press. 1983
- Fowler, W.W., *The city-state of the Greeks and Romans*. London, Macmillan. 1916
- Giorod, R., Vision et représentation géographiques chez les anciens, in *Mélanges Dion, Littérature gréco-romaine et géographie historique (Caesaronum, IX bis)*. Paris, A. & J. Picard: 481-498. 1974
- Glutz, G., *La cité grecque*. Paris, La Renaissance du Livre. 1928
- Greco, E. & Torelli, M., *Storia dell'urbanistica. Il mondo greco*. Bari, Laterza. 1983
- Bender, Th., *Toward urban vision. Ideas and Institutions in Nineteenth century America*. Baltimore, the Johns Hopkins University Press. 1975
- Guidi, A., Sulle prime fasi dell'urbanizzazione nel Lazio protostorico, *Opus*, 1: 279-285. 1982
- Griffe, M., L'espace de Rome dans le Livre I de l'Histoire de Tite-Live. Essai d'approche linguistique du problème, in Jacob, Ch. & Lestringant, F. (orgs.), *Arts et légendes d'espaces. Figures du voyage et rhétoriques du monde*. Paris, Presses de l'École Normale Supérieure: 11-122. 1981
- Coarelli, F., *Il Foro Romano. Periodo arcaico Roma quasar*. 1983
- Le Goff et alii, *Histoire et imaginaire*. Paris, Polésis. 1986
- Leveau, Ph., (org.), *L'origine des richesses dépensées dans la ville antique*. Aix-en-Provence, Eds. de l'University de Provence. 1985
- Lees, A., *Cities perceived. Urban society in European and American thought, 1820-1940*. Manchester, University Press. 1985
- Lyon, *L'idée de la ville. Actes du Colloque International de de Lyon (1983)*. Seyssel, Champ Vallon. 1984
- Luce, T.J., *Livy. The composition of his history*. Princeton, Yale University Press. 1977
- Mazzolani, L.S., *L'idea di città nel mondo romano*. Milano, Ricciardi. 1967

- Mansuelli, G.A., La rappresentazione della città in scrittori latini dell'epoca di Augusto, in **Mélanges Dion, (Caesaronum, IX bis)**. Paris, A. & J. Picard: 181-189. 1974
- Martin, R., L'urbanisme dans la Grèce antique. Paris, Pica*d. 1963
- Milgram, S., **Cities and social representations**, in R.M. Farr (org.) **Social representations**. Cambridge, University Press: 289-309. 1984
- Ogilvie, R.M., **A commentary on Livy (Books 1-15)**, Oxford, Clarendon Press. 1984
- Joris, A. (org.), **La notion de "ville"**, in C.Perelman, **Les catégories en histoire**. Bruxelles, Institut de Sociologie/ Université de Bruxelles: 87-101. 1969
- Cornell, T.J., The foundation of Rome in the ancient literary tradition. London, (**British Archaeological Reports, Supplementary Series, 41**): 131-39. 1978
- Poucet, J., **Les origines de Rome. Tradition et histoire**. Bruxelles, Facultés Universitaires Saint-Louis. 1983
- Pernot, L., Topique et topographie: l'espace dans la rhétorique épideictique grecque à l'époque impériale, in Jacob, Ch. & F. Lestringant (orgs.), **Arts et légendes d'espaces. Figures du voyage et rhétoriques du monde**. Paris, Presses de l'École Normale Supérieure: 99-109. 1981
- de Polignac, **La naissance de la cité grecque**. Paris, Maspero 1984
- Stambaugh, J.E., **The ancient Roman city**. Baltimore, The Johns Hopkins University Press. 1988
- Rykwert, J., **The idea of a town. The Anthropology of urban form in Rome, Italy and the ancient world**. London, Faber & Faber. 1976
- Walsh, P.G., **Livy. His historical aims and methods**. Cambridge, University Press. 1976